

De volta à política: sobre a necessidade de fazermos uma travessia às avessas

Back to politics: about the need to make a backward crossing

PEDRO PAULO PINTO MAIA FILHO

O livro *Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política* é uma edição inédita que reúne artigos do escritor e pesquisador bielorrusso Evgeny Morozov elaborados desde 2013. O tema central da publicação gira em torno da crítica ao capitalismo tecnológico e ao predomínio de corporações sediadas no Vale do Silício, na Califórnia, Estados Unidos. É importante destacar a grande importância geopolítica do setor: ainda que a China e a Rússia tenham ganhado espaço no mercado, a maioria das empresas dessa área ainda é sediada no Vale do Silício.

O título do livro — que foi retirado de um de seus artigos¹ — expõe a centralidade da discussão acerca da utilização dos dados digitais coletados, armazenados e vendidos pelas diferentes plataformas digitais na construção da narrativa antipolítica. O termo “plataformas digitais” é utilizado para designar uma série de programas, aplicativos e redes sociais que armazenam diferentes tipos de dados, tanto de usuários civis quanto empresariais. Tais dados

¹ *The rise of data and the death of politics* in: the Guardian. Londres, jul. 2014

são utilizados como unidades de troca e são centrais no que vai caracterizado como capitalismo tecnológico.

O ponto de partida da obra seria uma já difundida concepção segundo a qual vivemos num mundo de “sobriedade digital”, que se contrapõe à ideia do “utopismo digital”, mais difundida nos anos 1970, 1980 e 1990. Ou seja, a discussão em torno do “digital” sempre foi considerada em termos positivos; a disseminação do computador pessoal e da internet sempre foi vista com bons olhos.

Nesse sentido, a expressão “tecnologia digital” não deve ser vista apenas no contexto de uma ciência aplicada, mas também em seu sentido político. Por isso, ao analisar as práticas de corporações como Google, Facebook, Uber, Airbnb e Amazon, o autor reforça as questões de geopolítica, finança global e consumismo como intrínsecas às transformações tecnológicas.

Por exemplo, o sucesso da plataforma Uber se deve menos a inovações tecnológicas do que a “[...] décadas de afrouxamento de leis trabalhistas ao redor do mundo” (MOROZOV, 2018. p7). Ou seja, o problema não está na tecnologia, e sim nas estruturas políticas e econômicas do capitalismo contemporâneo. É a ascensão do capitalismo neoliberal que se deve o êxito do Vale do Silício

O conceito de internet, por exemplo, é complexo e mobilizado por diferentes narrativas. Para o autor, se não debatermos as formas de dominação política e econômica, toda discussão de tecnologia sancionará (até mesmo involuntariamente) a ideologia neoliberal. Nesse sentido, para se reconquistar a soberania popular sobre a tecnologia é preciso antes reconquistar a soberania sobre a economia e a política. Nos termos do autor, “[...] para a internet dar conta de todo seu potencial o capitalismo tem que acabar.” (MOROZOV, 2018. p.25)

Não se trata de ser “ludita” e resistente às inovações promovidas pelo setor de tecnologia digital, mas existem motivos para uma série de críticas ao modelo do capitalismo tecnológico liderado pelas empresas do Vale do Silício. Como intitula o autor, em um capítulo, “Por que estamos autorizados a odiar o Vale do Silício²”.

Dentre as principais críticas, destaca-se o controle dos corpos no espaço, tanto físico como virtual. Os aplicativos que oferecem comodidade no trânsito são também um meio de controle e de vigilância de deslocamentos humanos. Para o autor, a conexão entre a aparente

² *Why We Are Allowed to Hate Silicon Valley* In: STARKMAN, D. HAMILTON, M. M. CHITTUM, R. (Eds.). *The Best Business Writing*. New York: Columbia University Press, 2014, PP 3-15.

abertura da infraestrutura tecnológica e o grau cada vez maior de controle e manipulação continua a ser pouco compreendida.

Outro aspecto destacado é a crítica ao chamado “solucionismo digital”, que se refere a plataformas digitais dedicadas a resolver diferentes problemas da sociedade. É o caso do Uber como opção viável à falta de infraestrutura de transporte público, assim como o de aplicativos para controle da obesidade quando há má alimentação somada ao desaparecimento dos serviços de saúde. Seria o “encerramento dos problemas” deixados pela ausência de políticas sociais.

Muitas narrativas dos empreendedores do setor de tecnologia digital evocam termos como “solidariedade”, “autonomia” e “inovação”. Numa retórica autocongratatória, seriam a solução para os problemas num contexto de enfraquecimento do Estado de bem-estar social. Porém, segundo o autor, é “muito difícil preservar valores como solidariedade num ambiente tecnológico que prospera com base na personalização e experiências únicas e individuais” (MOROZOV, 2018. p.47)

Nesse sentido, o Vale do Silício se coloca como o bastião do capitalismo contemporâneo. Aqui já não se trataria de uma relação entre mercado e Estado, mas sim de uma relação entre política e não política, ou seja, da ascensão sem questionamentos do neoliberalismo.

No entanto, o autor vislumbra alguns mecanismos para contornar o atual estado de coisas. Primeiramente é necessário se apropriar da linguagem tecnológica e elaborar uma política tecnológica robusta de esquerda, incluindo uma agenda de soluções visando ao bem público (como, por exemplo, a criação de plataformas digitais de prefeituras voltadas ao transporte público). Desse modo, é imprescindível reintroduzir o debate político e econômico nessa discussão e lutar contra a ideologia de austeridade que impulsiona cortes de despesas públicas em áreas sociais.

O estudo pelo viés político e econômico das plataformas digitais não é totalmente disseminado nas Ciências Humanas; por isso, a discussão apresentada por Morozov é de grande importância para o debate do tema no Brasil. Com uma escrita agradável e por muitas vezes irônica, o livro é uma excelente porta de entrada para o estudo da relação cada vez mais intrínseca da sociedade com as plataformas digitais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MOROZOV, E.. (2018). Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu, 189 p. ISBN 978-85-7126-012-2

Pedro Paulo Pinto Maia Filho

Doutor em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf)